



São Luís, 22 de julho de 2025.

Prezados idealizadores do NAHum,

Somos estudantes do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e escrevemos esta carta com o coração repleto de reflexões, aprendizados e profunda gratidão. Durante as aulas da disciplina Fundamentos e Metodologia da Alfabetização, ministrada pela professora Joelma Reis Correia, tivemos acesso ao livro que apresenta a proposta de uma Alfabetização Humanizadora, dos autores Adriana Pastorello Buim Arena e Dagoberto Buim Arena, que nos levou a questionar tudo que pensávamos saber sobre o ensino da leitura e da escrita. Devemos admitir que, inicialmente, concebíamos a alfabetização como um processo mecânico de ensinar letras, sílabas e sons, como se fosse uma simples técnica. No entanto, o contato com essa abordagem humanizadora ampliou nossa compreensão e nos fez reconhecer a alfabetização como um ato profundamente político, afetivo e transformador, algo que, intuitivamente, já pressentíamos, mas ainda não sabíamos nomear.

Percebemos que alfabetizar não é ensinar um código, mas possibilitar que as crianças se reconheçam como sujeitos pensantes. Durante os estudos, fomos tomadas por uma convicção: a escrita transcende a técnica, é uma ação profundamente humana. Como diz Bartolomeu Campos de Queirós, escrevemos não apenas pelo conhecimento, mas pela necessidade de dizer. Essa sensação nos acompanhou em cada página do material de vocês: um convite a ressignificar o ato de ensinar, a permitir que as crianças se expressem livremente, com seus olhares, mãos, culturas e maneiras únicas de existir.

A crítica feita por vocês, no livro “Alfabetização Humanizadora: Princípios e Funções de Caracteres”, ao ensino mecânico centrado em métodos silábicos ou no uso limitado do alfabeto móvel, nos fizeram refletir sobre como tais práticas podem excluir crianças que não se encaixam nos padrões esperados. A ideia de trabalhar com caracteres — com suas formas, acentos, espaços e sentidos — nos abriu os olhos para

a importância de partir da linguagem interior da criança, do que ela deseja comunicar ao mundo, e não apenas dos sons que consegue reproduzir.

Essa experiência transformou nossas práticas e olhares. Lembramos das crianças que buscavam se expressar com originalidade, mas eram “corrigidas” por não seguirem um determinado método. Percebemos como essa lógica de correção e padronização pode silenciar vozes que desejam ser ouvidas. Notamos também a resistência da cultura escolar à inovação, como a proibição do uso do celular, mesmo sabendo que as crianças já o utilizam para escrever, manipulando mais caracteres do que nunca.

O que mais nos tocou foi a força inclusiva dessa proposta. Ela acolhe a criança surda, a que não fala, a que escreve com os pés, a que pensa diferente, a que traz outra cultura. É uma alfabetização que diz a todas: “Você também pode! Você também pertence!”. Isso, para nós, é revolucionário, é, acima de tudo, um ato de amor.

Se pudéssemos aprofundar um aspecto, seria a reflexão sobre como auxiliar outras educadoras e outros educadores a superarem práticas excludentes e mecânicas, de modo que a Alfabetização Humanizadora não fique restrita a um conceito inspirador, mas se concretize nas formações docentes, nas escolas e nas salas de aula.

Finalizamos esta carta com grande esperança. Que as nossas reflexões, despertadas pelos conhecimentos que vocês generosamente compartilham, encontrem eco em cada educadora, e que possamos, juntas, seguir humanizando aquilo que nos torna mais humanas: a palavra, a escuta, a convivência.

Com admiração e gratidão,

Bruna Daniele Muniz Silva

Emanuelle Santos de Castro

Ingrid Emanuelle Araujo de Sousa

Khátylla Bianca Carvalho Santos

Míriam Costa Rabêlo

Nayra Pinto da Cunha